

AS
MÃES

BRIT
BENNETT

AS MÃES

BRIT BENNETT

AS MÃES

TRADUÇÃO DE CAROLINA CARVALHO



Copyright © 2016 by Brittany Bennett

TÍTULO ORIGINAL
The Mothers

REVISÃO
Giu Alonso
Cristiane Pacanowski

ARTE DE CAPA
Rachel Willey

DIAGRAMAÇÃO E ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
B417m

Bennett, Brit
As Mães / Brit Bennett ; Tradução de Carolina Carvalho. – 1.
ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
256 p. : il. ; 23 cm.

Tradução de: The Mothers
ISBN 978-85-510-0196-7

I. Ficção americana. I. Carvalho, Carolina. II. Título.

17-41215

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar
22451-041 – Cávca
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para minha mãe, meu pai, Brianna e Jynna

UM

Nem acreditamos quando ficamos sabendo, porque a gente sabe como o pessoal da igreja gosta de uma fofoca.

Como naquela vez em que pensamos que o Primeiro John, um dos nossos diáconos, estivesse enganando a mulher porque Betty, secretária do pastor, o viu num café com outra. Era jovem e bem-vestida, a tal outra mulher, e andava toda se balançando, apesar de não ter por que balançar coisa nenhuma na frente de um homem com quarenta anos de casado. Dá até para perdoar se o sujeito trai a mulher uma vez, mas ficar de intimidades com a moça à vista de todos, regado a uns bons croissants amanteigados? Aí a coisa muda de figura. Mas nem chegamos a repreender o Primeiro John, porque no domingo ele apareceu na Upper Room Chapel com a esposa e a moça rebolante a tiracolo — era uma sobrinha-neta dele, que morava em Fort Worth e estava de visita, e ficou tudo por isso mesmo.

Quando ficamos sabendo, achamos que fosse esse mesmo tipo de segredo, mas, temos que admitir, era de uma consistência diferente. Tinha um sabor diferente também. Todos os bons segredos têm um sabor antes de serem contados, e, se tivéssemos parado um pouco para mastigar melhor aquele, talvez notássemos o amargor de um segredo ainda verde, colhido cedo demais, arrancado e distribuído antes da época. Mas não esperamos. Compartilhamos aquele segredo amargo, um segredo que começou quando

Nadia Turner engravidou do filho do pastor e foi até a clínica de aborto para dar um jeito nisso.

A garota tinha dezessete anos na época. Morava com o pai, fuzileiro naval, e sem a mãe, que havia se matado seis meses antes. Desde então, conquistara uma péssima reputação: era jovem, estava assustada e tentava esconder o medo com a beleza. E era mesmo bonita, linda até, com a pele cor de âmbar, longos cabelos sedosos e olhos que misturavam tons de castanho, cinza e dourado. Como a maioria das garotas, já tinha aprendido que a beleza pode ser tanto um holofote quanto um esconderijo e, como a maioria das garotas, ainda não havia aprendido a traçar o caminho entre um e outro. Por isso é que ficamos sabendo das escapadas dela para o outro lado da fronteira para as boates de Tijuana, da garrafinha de água cheia de vodca que levava para a escola, dos sábados que passava na base militar jogando sinuca com os rapazes fuzileiros, noites que terminavam com os saltos do sapato na janela embaçada do carro de um homem. Histórias que o povo inventa, quem sabe, com exceção de uma que se provou verdadeira: que passou todo o último ano do colégio rolando na cama com Luke Sheppard e que lá para agosto o filho dele começava a crescer dentro dela.

LUKE SHEPPARD TRABALHAVA como garçom no Fat Charlie's Seafood Shack, um restaurante perto do píer conhecido pela comida fresca, pela música ao vivo e pela atmosfera familiar. Pelo menos era o que dizia a propaganda no *San Diego Union-Tribune*, se você fosse bobo de acreditar. Quem morava há muito tempo em Oceanside sabia que a prometida comida fresca era na verdade pescado do dia anterior com batata frita requentada e que a música ao vivo, quando existia, geralmente eram adolescentes desgrehados em calças rasgadas e com alfinetes enfiados nos lábios. Nadia Turner sabia mais algumas coisas que não ficariam bem nas propagandas do Fat Charlie's, por exemplo: que os nachos com queijo eram a comida perfeita para bêbados esfomeados e que um dos cozinheiros vendia a melhor erva ao norte da fronteira. Nadia também sabia que a área do bar era decorada com coletes

salva-vidas amarelos pendurados no teto e que por isso os três garçons negros, ao fim dos dias mais puxados, chamavam o lugar de navio negroiro. Ela sabia informações secretas sobre o Fat Charlie's por Luke.

— O peixe empanado é bom? — perguntava ela.

— Uma papa, de tanta gordura.

— E o macarrão com frutos do mar?

— Melhor nem chegar perto.

— Como é possível estragar macarrão?

— Sabe como é feita aquela merda? Eles pegam os peixes que estão parados há mais tempo e enfiam no ravióli.

— O pão, então.

— Se não comem tudo numa mesa, a gente serve em outra. Você meio que encosta no mesmo pão que um cara que coçou o saco o dia inteiro.

No ano em que a mãe dela se matou, Luke a salvou de pedir o bolinho de siri (feito com uma carne de siri falsa e frito na banha). Nadia tinha começado a sumir depois da escola, a pegar ônibus para qualquer que fosse o destino. Às vezes ia para o leste, para a base dos fuzileiros em Camp Pendleton, onde via um filme, jogava boliche no Stars and Strikes ou jogava sinuca com os fuzileiros. Os mais novos eram os mais solitários, então ela sempre encontrava um grupo de soldados rasos, ainda desacostumados com a cabeça raspada e os coturnos grandalhões, e acabava a noite beijando um deles até os beijos a deixarem com vontade de chorar. Outras vezes ia para o norte, passando pela Upper Room, onde o litoral se torna fronteira. Fosse ela para o sul, chegaria a outras praias, praias melhores, praias de areia tão branca quanto as pessoas que nela se deitam, praias com calçadão e uma montanha-russa no píer, praias protegidas por portões. Só para o oeste ela não podia ir. A oeste fica o mar.

Nadia pegava os ônibus para se afastar de sua vida antiga, aquela em que depois da aula fazia hora com os amigos no estacionamento até dar o horário da autoescola, ou se instalava nas arquibancadas para assistir aos treinos do time de futebol americano, ou ia em caravana comer hambúrguer na In-N-Out. Em que ficava de bobeira na Jojo's Juicery com os colegas de trabalho, ia dançar em volta da fogueira em luais e escalava o deck do píer

quando a desafiavam porque ela sempre fingia não ter medo. Era incrível notar que raramente ficava sozinha naquela época. Sentia que era passada de mão em mão como um bastão, da professora de matemática para a de espanhol, que a passava para a de química, depois para os amigos e finalmente de volta para os pais. Até que um dia a mão da mãe não estava mais lá e ela caiu, estatelada no chão.

Por isso, tinha passado a não suportar ficar perto de ninguém — nem dos professores, que perdoavam as entregas de trabalhos atrasados com sorrisos pacientes; nem dos amigos, que paravam de fazer brincadeiras quando ela se sentava para almoçar, como se a alegria deles fosse ofendê-la. Na aula avançada de ciências políticas, quando o sr. Thomas passava tarefas em dupla, seus amigos rapidamente se juntavam em pares e ela se via obrigada a formar dupla com a outra garota quieta e isolada da turma: Aubrey Evans, que fugia para as reuniões do Clube Cristão durante o almoço, e não para melhorar o histórico escolar para a faculdade (ela não havia levantado a mão quando o sr. Thomas perguntara quem já tinha se inscrito), mas porque achava que Deus gostava que ela passasse seu tempo livre enfurnada numa sala organizando distribuições de enlatados. Aubrey Evans, que usava um anel da pureza de ouro e mexia nele enquanto falava, que sempre ia à igreja sozinha, provavelmente a pobre filha abençoada de ateus devotos, sempre se esforçando para fazê-los encontrar o caminho da salvação. Depois do primeiro trabalho em dupla que fizeram, Aubrey se aproximou dela e baixou a voz para falar:

— Só queria dizer que sinto muito. Estamos todos orando por você.

Ela pareceu sincera, mas que diferença fazia? Nadia não ia à igreja desde o enterro da mãe. Em vez disso, pegava ônibus. Um dia, ela desceu no centro da cidade, em frente à Hanky Panky. Tinha certeza de que alguém iria barrá-la (parecia uma criança, com a mochila nas costas), mas o segurança instalado num banquinho próximo à porta mal tirou os olhos do celular quando ela entrou. Às três da tarde de uma terça-feira, a boate de strip-tease estava às moscas, as mesas prateadas desocupadas, foscas sob as luzes do palco. Cortinas pretas bloqueavam a luz plástica do sol; na escuridão artificial, brancos gordos com boné enterrado na cabeça se sentavam largados nas cadeiras

voltadas para o palco. Sob os holofotes, uma garota branca de carne flácida dançava, os seios balançando como pêndulos.

Na escuridão da boate, ela podia ficar sozinha com sua tristeza. O pai havia se enfiado na Upper Room. Ia aos dois cultos de domingo, ao estudo bíblico na quarta, ao coral na quinta à noite, embora não cantasse e os ensaios não fossem abertos, mas ninguém tinha coragem de mandá-lo embora. O pai depositava a tristeza em um templo, enquanto Nadia colocava a dela em lugares que ninguém podia ver. O barman deu de ombros ao ver sua identidade falsa e preparou o drinque pedido, e ela ficou sentada num canto escuro, tomando cuba-libre e vendo as mulheres de corpo cansado girarem no palco. Nunca as jovens e magras (essas, a boate guardava para os fins de semana ou as noites), só as mais velhas, pensando nas compras a fazer e nas babás a contratar, o corpo marcado pelas estrias e pela idade. A mãe dela ficaria horrorizada só de pensar — a filha numa boate de strip-tease, em plena luz do dia —, mas Nadia ficava, bebendo devagar os drinques aguados. Na sua terceira vez ali, um velho negro puxou uma cadeira e se sentou ao lado dela. O homem usava uma camisa xadrez vermelha sob os suspensórios e tufo de cabelo grisalho despontavam por baixo do boné da Bait & Tackle.

— O que está bebendo? — perguntou ele.

— O que *você* está bebendo? — devolveu ela.

O homem riu.

— Rá. Bebida de adulto, isso aqui. Não é para uma mocinha que nem você. Vou te arranjar uma coisa doce. Que tal, meu amor? Você tem uma carinha de quem é louca por doces.

Ele sorriu e insinuou a mão pela coxa de Nadia. Seus dedos se curvaram, as unhas escuras e compridas afundando na calça jeans da menina. Antes mesmo que ela fizesse algum movimento, uma mulher negra de uns quarenta anos, com um conjunto de fio dental e sutiã rosa-shocking, se aproximou. Faixas amarronzadas atravessavam a barriga dela como as listras de um tigre.

— Deixa a menina, Lester — disse a mulher. Depois, para Nadia: — Vem, eu pego outra bebida para você.

— Que isso, Cici, eu estava só conversando — retrucou o velho.

— Ah, me poupe — respondeu Cici. — Até seu relógio é mais velho que essa menina.

A mulher levou Nadia de volta ao balcão do bar e derramou na pia o que restava da bebida. Depois, vestiu um casaco branco e a chamou para ir lá fora. Delineado contra o céu cinzento, o contorno reto e simples do Hanky Panky parecia ainda mais deprimente. Mais à frente, junto à fachada, duas garotas brancas fumavam, e ambas ergueram a mão ao verem Cici e Nadia. Cici devolveu o cumprimento preguiçoso e acendeu um cigarro.

— Você tem um rosto bonito — disse Cici. — Esses seus olhos são de verdade? Você é mestiça?

— Não — respondeu Nadia. — Quer dizer, sim, são meus olhos, mas não sou mestiça.

— Parece. — Cici soprou uma nuvem de fumaça para o lado. — Tá fugindo de casa? Ah, não me olha assim. Não vou chamar a polícia. Toda hora aparece alguma garota assim que nem você, tentando arranjar uma grana. É ilegal, mas o Bernie não liga. Ele deve te dar um tempo no palco, para ver o que você sabe fazer. Mas não vai esperando uma recepção calorosa. Já é difícil disputar as gorjetas com essas louras. Espera só até as outras garotas verem sua bunda lisinha.

— Eu não quero dançar.

— Bom, eu não sei o que você está procurando, mas não é aqui que vai encontrar. — A mulher aproximou o rosto do dela. — Sabia que os seus olhos são transparentes? Dá para ver através deles. E só tem tristeza do outro lado. — Ela enfiou a mão no bolso e sacou algumas notas de um dólar amassadas. — Isso aqui não é lugar para você. Vai comer alguma coisa no Fat Charlie's. Anda, vai.

Nadia hesitou, mas Cici pôs as notas na mão dela e fechou seus dedos. Talvez ela pudesse fazer isso, fingir que estava fugindo de casa, ou talvez estivesse mesmo, de certa forma. O pai nunca perguntava aonde ela tinha ido. Ao voltar para casa à noite, Nadia o encontrava na poltrona reclinável da sala, vendo TV num cômodo às escuras. Ele sempre ficava surpreso quando ouvia a porta se abrindo, como se só então notasse que a filha havia saído.

NO FAT CHARLIE'S, Nadia estava sentada a uma mesa mais para os fundos, folheando o cardápio, quando Luke Sheppard surgiu da cozinha, o avental branco amarrado na cintura, a camisa preta do uniforme bem justa no peito musculoso. Estava tão bonito quanto ela se lembrava dele na igreja, com a diferença de que se tornara um homem, a pele bronzeada e os ombros largos, o maxilar firme coberto por uma sombra de barba. E agora mancava, pendendo um pouquinho para o lado direito, mas a deficiência do seu andar — o passo irregular e a fragilidade que aquilo evocava — só a fez desejá-lo ainda mais. Nadia perdera a mãe um mês antes e se sentia atraída por qualquer pessoa que conseguisse demonstrar sua dor de maneira explícita, coisa que ela não conseguia. Nem tinha chorado no enterro. Durante o velório, um desfile de convidados lhe dissera que estava se saindo muito bem, e o pai apoiara o braço nos ombros da menina. Ele ficara um tempo curvado no banco durante o culto, em silêncio mas com os ombros tremendo, um choro masculino mas ainda assim um choro, e aquela foi a primeira vez que Nadia considerou que talvez fosse mais forte que o pai.

Feridas internas devem permanecer internas. Como devia ser estranho ter uma ferida externa impossível de ser escondida. Ela brincou com a capa do cardápio enquanto Luke se aproximava, mancando. Assim como todos os membros da Upper Room Chapel, Nadia tinha acompanhado, no ano anterior, o fim da até então promissora primeira temporada do garoto no futebol americano. Uma devolução de bola banal, uma defesa malfeita e pronto, Luke quebrou a perna, fratura exposta e tudo. Na época, os comentaristas disseram que ele teria sorte se conseguisse voltar a andar normalmente, imagine continuar a jogar, por isso ninguém ficou surpreso quando a Universidade Estadual de San Diego cancelou a oferta de bolsa de estudos do rapaz. Mas Nadia ainda não o tinha visto depois que ele deixara o hospital. Na cabeça dela, ele ainda estava no leito, cercado por enfermeiras dedicadas, a perna enfaixada apontando para o teto.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Eu trabalho aqui — respondeu ele, e riu, mas a risada soou pesada, como o ruído de uma cadeira sendo arrastada. — Como você tem andado?

Luke não a encarou, ficou mexendo no bloco de anotar os pedidos, e por isso Nadia percebeu que ele tinha ficado sabendo sobre a mãe dela.

— Com fome — respondeu Nadia.

— É assim que você tem andado? Com fome?

— Vou querer os bolinhos de siri.

— Melhor não. — Ele guiou o dedo dela pelo cardápio plastificado, descendo até os nachos. — Aqui. Prove isso.

A mão dele se curvou suavemente sobre a dela, como se a estivesse ensinando a ler, conduzindo seu dedo por palavras desconhecidas. Luke sempre a fizera se sentir absurdamente mais nova, e foi assim também dois dias depois, quando Nadia voltou ao Fat Charlie's, sentou-se na mesma área do salão e tentou pedir uma margarita. Ele riu, olhando a identidade falsa dela.

— Fala sério. Você não tem, sei lá, doze anos?

Ela estreitou os olhos.

— Vai à merda. Tenho dezessete.

Mas disse isso com um pouco de orgulho demais, fazendo Luke rir de novo. Mesmo se tivesse dezoito (que só faria no fim de agosto), pareceria pouco para ele. Nadia ainda estava no colégio. Luke tinha vinte e um anos e já havia ido para a universidade, e das grandes, não como as comunitárias, em que as pessoas passavam alguns meses depois do colégio só até arranjar emprego. Nadia tinha se candidatado a vagas em cinco instituições e, enquanto esperava as respostas, perguntava como era a vida na faculdade, se os chuveiros dos alojamentos eram mesmo tão nojentos quanto ela imaginava e se as pessoas realmente colocavam uma meia na maçaneta do quarto quando queriam privacidade. Luke contou sobre as corridas de lingerie e as festas com banho de espuma, explicou como fazer render o cartão-alimentação, disse que para ganhar mais tempo nas provas era só fingir que tinha dificuldades de aprendizado. Ele conhecia o mundo e conhecia mulheres, garotas universitárias, que iam de salto alto à aula, não tênis, que carregavam bolsas, não mochilas, que passavam as férias estagiando em empresas de tecnologia

ou bancos, não preparando sucos numa lanchonete. Ela se imaginou frequentando a faculdade, sendo uma daquelas garotas sofisticadas, e Luke indo de carro vê-la ou, caso ela fosse estudar em outro estado, pegando um avião. Ele riria se soubesse como ela o imaginava em sua vida. Ele a provocava, como na vez em que ela começou a fazer o dever de casa no Fat Charlie's.

— Merda — disse ele, dando uma folheada no livro de matemática dela.
— Você é dos nerds.

Nem era, na verdade, mas Nadia tinha facilidade para aprender. (A mãe brincava sobre isso: deve ser bom, comentava quando Nadia lhe mostrava uma prova gabaritada para a qual só tinha estudado na véspera.) Nadia achava que as aulas avançadas podiam afastá-lo, mas Luke gostava do fato de ela ser inteligente. Está vendo essa garota aqui, dizia aos garçons que passavam, primeira mulher negra presidente, anota o que eu digo. Toda garota negra com um mínimo de inteligência ouvia isso, mas ela gostava dos elogios de Luke e gostava ainda mais quando ele fazia brincadeiras com o fato de ela estar estudando. Não a tratava como as pessoas da escola, que ou a evitavam ou a tratavam como se fosse uma coisinha frágil capaz de quebrar com qualquer palavra mais dura.

Certa noite de fevereiro, Luke a levou em casa e ela o convidou a entrar. O pai ia passar o fim de semana num seminário religioso, por isso encontraram a casa silenciosa e escura. Ela queria oferecer uma bebida — era o que as mulheres faziam nos filmes, estendiam ao homem um copo quadrado, com um líquido escuro e masculino —, mas o luar se refletiu no vidro da cristaleira vazia e Luke a encostou na parede e a beijou. Ela não contou que era sua primeira vez, mas ele soube. Na cama dela, perguntou três vezes se ela queria parar. Três vezes Nadia disse que não. O sexo ia doer e ela queria a dor. Queria que Luke fosse sua ferida externa.

Em maio, ela já sabia a que horas Luke saía do trabalho e quando encontrá-lo no canto vazio do estacionamento, onde duas pessoas podiam ficar sozinhas. Sabia quais eram suas noites de folga, noites em que ela ficava de ouvidos atentos esperando o carro dele surgir na rua e cruzava o corredor na ponta dos pés ao passar pela porta fechada do quarto do pai. Sabia quais dias

ele entrava mais tarde no trabalho, dias em que ela o levava para casa antes que o pai chegasse. Sabia que Luke sempre usava a camiseta mais justa do uniforme do Fat Charlie's, para ganhar mais gorjetas. Que, quando ele desabava na beira da cama dela sem falar muito, era porque estava temendo um longo dia no trabalho, por isso Nadia também não falava muito; apenas tirava aquela camiseta apertada e passava as mãos por seus ombros. Ela sabia que passar o dia todo de pé fazia a perna dele doer mais do que ele jamais admitiria e às vezes, enquanto Luke dormia, ficava olhando a cicatriz fina que subia até o joelho. Os ossos, como tudo mais na vida, são fortes até não serem mais.

Ela também sabia que o Fat Charlie's ficava deserto entre o horário do almoço e o happy hour, então, quando o teste de gravidez deu positivo, pegou um ônibus para ir lá contar a Luke.

— PUTA MERDA — foi a primeira coisa que ele disse.

E depois:

— Tem certeza?

E depois:

— Mas certeza *certeza*?

E depois:

— Puta merda.

No salão vazio do Fat Charlie's, Nadia afogou as batatas fritas numa piscina de ketchup até ficarem molengas e empapadas. Claro que tinha certeza. Não daria um susto daqueles se não tivesse certeza. Tinha passado dias torcendo para a menstruação descer, implorando por um fiozinho de sangue, uma gota que fosse, mas só encontrara a brancura imaculada da calcinha. Então, naquela manhã pegara um ônibus até o centro de planejamento familiar nos arredores da cidade, um prédio baixo e cinza em uma rua comercial. Na recepção, uma fileira de plantas artificiais quase escondia a recepcionista, que indicou a sala de espera. Nadia se viu junto com algumas garotas negras que mal ergueram os olhos quando ela se sentou entre uma gordinha que fazia bolas de chiclete roxo e uma garota de jardineira que jogava tetris

no celular. Uma conselheira branca e gorda chamada Dolores levou Nadia até os fundos, onde se espremeram num cubículo tão entulhado que os joelhos das duas se tocavam.

— Você tem motivo para achar que está grávida? — começou Dolores.

A mulher usava um suéter de ovelhinhas cinza meio empelotado e falava como uma professora de jardim de infância, sorrindo, as frases terminando com um leve cecear. Devia achar que Nadia era uma idiota — mais uma garota negra burra a ponto de não insistir em usar camisinha. Mas eles tinham usado, pelo menos na maioria das vezes, e Nadia se sentiu estúpida por ter relaxado com o sexo geralmente seguro que faziam. Em tese, ela era a mais esclarecida da relação. Deveria saber que bastava um erro para que seu futuro lhe fosse arrancado das mãos. Ela conhecera meninas grávidas. Vira muitas andando pesadamente pela escola, camiseta apertada e casaco justo na barriga. Nunca via os garotos que haviam causado aquilo — seus nomes ficavam protegidos pelo mistério, tão fugidios quanto o próprio boato —, mas era impossível não ver as garotas, grandes e cada vez maiores diante de seus olhos. Mais do que qualquer um, deveria ter se cuidado. Ela própria nascera de um descuido da mãe.

Sentado diante dela, Luke se debruçou na mesa, flexionando os dedos como fazia na lateral do campo, quando ainda jogava. No primeiro ano do ensino médio, Nadia passara mais tempo de olho nele do que acompanhando a partida. Como seria se aquelas mãos a tocassem?

— Achei que você estivesse com fome — disse ele.

Ela jogou mais uma batata na pilha. Não tinha comido nada o dia todo. Sentia a boca salgada, como se fosse vomitar. Tirou os chinelos e apoiou os pés descalços na coxa dele.

— Estou me sentindo um lixo — disse Nadia.

— Quer outra coisa?

— Não sei.

Ele se afastou da mesa.

— Vou trazer outra coisa...

— Não posso ter esse filho.

Luke, que se levantava da cadeira, parou.

— Como é que é?

— Não posso ter um bebê — repetiu. — Não posso ser mãe, porra. Eu vou para a faculdade, e meu pai vai...

Ela não conseguia se obrigar a pronunciar a palavra (*aborto* parecia algo feio e mecânico), mas Luke entendia, não entendia? Ele tinha sido a primeira pessoa para quem Nadia contara sobre o e-mail da Universidade do Michigan. Ele a abraçara antes mesmo que terminasse a frase, quase a esmagando. Ele precisava entender que aquela oportunidade não podia ser desperdiçada, sua única chance de sair de casa, de deixar para trás o pai calado, cujo sorriso nem chegara aos olhos ao ver o e-mail, mas que, ela sabia, ficaria mais feliz se ela fosse embora, se não tivesse a filha para lhe lembrar o que perdera. Ela não podia permitir que uma gravidez paralisasse sua vida justo agora que tinha ganhado uma oportunidade de fugir.

Se Luke entendeu, não demonstrou. Não disse nada a princípio, apenas desabou de volta na cadeira, o corpo repentinamente lento e pesado. Naquele momento, ele parecia ainda mais velho, o rosto cansado e abatido sob a barba fina. Pegou os pés descalços dela e os aninhou no colo.

— Tudo bem — falou, e depois, mais baixo: — Tudo bem. O que você quer que eu faça?

Não tentou fazê-la mudar de ideia. Nadia gostou disso, embora nutrisse uma pequena esperança de que ele fizesse algo tradicional e romântico, como pedi-la em casamento. Ela nunca teria aceitado, mas teria sido legal se ele tivesse tentado. Não; Luke só perguntou quanto seria necessário. Ela se sentiu burra (nem tinha pensado em providências práticas, como pagar pela cirurgia), mas ele prometeu arranjar o dinheiro. No dia seguinte, quando Luke lhe entregou o envelope, Nadia pediu que ele não a levasse à clínica.

— Tem certeza? — perguntou ele, acariciando seu pescoço.

— Tenho. Só me busque quando terminar.

Ela se sentiria pior com alguém observando. Vulnerável. Luke a vira nua, estivera dentro dela, mas, por algum motivo, deixar que a visse com medo seria uma intimidade intolerável.

NA MANHÃ DA CONSULTA, Nadia foi de ônibus até a clínica de aborto, no centro. Tinha passado por ali dezenas de vezes — uma construção bege comum, à sombra de um Bank of America —, mas nunca tivera a curiosidade de imaginar como seria por dentro. Durante a viagem de ônibus em direção à praia, ela ficou olhando pela janela, visualizando paredes de um branco estéril, instrumentos afiados em bandejas, recepcionistas gordas e de suéteres largos conduzindo garotas aos prantos até a sala de espera. Mas o saguão era arejado e iluminado, as paredes pintadas de um tom de bege com um nome chique como *marfim* ou *ocre* e, nas mesas de madeira maciça, ao lado das pilhas de revistas, havia vasos azuis cheios de conchas. Sentada numa cadeira o mais distante possível da porta, Nadia fingia ler a *National Geographic*. Ao lado, uma ruiva resmungava baixinho enquanto tentava fazer palavras cruzadas; o namorado estava encolhido ao lado da ruiva, olhando para o celular. Era o único homem na sala, então talvez a ruiva se sentisse superior — mais amada — por estar acompanhada, embora ele não parecesse um bom namorado, pois não conversava com ela ou segurava sua mão, como Luke teria feito. Do outro lado da sala, uma menina negra de vestido amarelo justo fungava na manga da jaqueta jeans. A mãe da menina, uma mulher corpulenta com uma rosa lilás tatuada no braço, estava ao lado dela, os braços cruzados. Parecia irritada, ou talvez apenas preocupada. A menina devia ter uns catorze anos, e quanto mais alto ela fungava, mais as pessoas em volta tentavam não olhar para ela.

Nadia pensou em mandar uma mensagem para Luke. *Cheguei. Está tudo bem.* Mas tinha acabado de dar o horário do trabalho, e ele já devia estar bastante preocupado. Ela folheava a revista devagar, o olhar escorregando das páginas para a recepcionista loura que sorria com seus fones de ouvidos, para o tráfego lá fora, para o vaso azul cheio de conchas. Sua mãe odiava praias — areia suja e bitucas de cigarro por toda parte —, mas adorava conchas, então sempre que iam à praia ela passava a tarde andando na beira da água e se abaixando aqui e ali para catar conchas na areia úmida.

“Elas me acalmam”, dissera uma vez, pegando Nadia no colo e virando uma concha com cuidado, para mostrar o interior brilhante. Tons de lilás e verde cintilaram na concha em sua mão.

— Turner?

Uma enfermeira negra com dreadlocks grisalhos, parada à porta, lia um papel em uma prancheta de metal. Enquanto pegava a bolsa, Nadia sentiu que a enfermeira a observava de cima a baixo, os olhos passando pela blusa vermelha, a calça jeans skinny, o sapato preto com salto.

— Você devia ter escolhido alguma roupa mais confortável — disse a enfermeira.

— Isso é confortável — respondeu Nadia.

Ela se sentiu novamente com treze anos, de pé no gabinete do vice-diretor, levando uma bronca por causa do que vestia.

— Calça de moletom — sugeriu a enfermeira. — Alguém devia ter avisado quando você ligou.

— Eles avisaram.

A enfermeira balançou a cabeça, já voltando pelo corredor. Parecia cansada, ao contrário das brancas animadas que tagarelavam pelos corredores de uniforme rosa e sapatos de borracha. Como se já tivesse visto tanta coisa que nada mais a surpreendesse, nem mesmo uma menina de respostas atrevidas em roupas inapropriadas, uma menina tão abandonada que não conseguira uma única pessoa para acompanhá-la. Não, não havia nada de especial numa garota assim — nem as boas notas, nem a beleza. Era apenas mais uma menina negra tentando se livrar da barriga.

Na sala da ultrassonografia, o técnico perguntou se ela queria ver a tela. Não precisa se não quiser, disse ele, mas para algumas mulheres dá uma sensação de encerramento. Ela recusou. Tinha ouvido falar de uma garota de dezesseis anos do colégio que dera à luz e deixara o bebê na praia. A garota foi presa quando voltou ao local para avisar a um policial que tinha visto um bebê abandonado e ele descobriu que ela era a mãe. Como ele soube, Nadia nunca conseguiu entender. Talvez tivesse visto o sangue escorrendo pelas coxas da garota à luz da sirene ou sentido o cheiro de leite brotando dos seios. Ou

talvez tivesse sido algo totalmente diferente. A hesitação ao entregar o bebê, a apreensão nos olhos da garota quando ele passou a mão no cabelo sedoso da criança para tirar a areia. Talvez ele tivesse visto, ao se afastar, o amor maternal se estendendo como um fio dourado da garota até o bebê. Algo a denunciara, mas Nadia não cometeria o mesmo erro. Voltar atrás. Não hesitaria, não se permitiria amar o bebê ou mesmo conhecê-lo.

— Pode começar logo — pediu ela.

— E se for múltipla? — perguntou o técnico, aproximando-se dela em seu banquinho com rodas. — Gêmeos, trigêmeos...

— Por que eu ia querer saber?

Ele deu de ombros.

— Algumas mulheres querem.

Ela já sabia demais sobre o bebê; sabia que era menino, por exemplo. Era cedo demais para ter certeza, na verdade, mas ela sentia a estranheza dele dentro de si, algo que ao mesmo tempo era e não era ela. Uma presença masculina. Um menino que teria os cachos largos de Luke e aquele seu jeito de sorrir com os olhos apertados.

Não, também não podia pensar nisso. Não podia se permitir amar o bebê por causa de Luke. Por isso, virou o rosto quando o técnico passou o sensor no gel azul em sua barriga.

Depois de alguns instantes, o técnico se interrompeu, o sensor parado no umbigo dela.

— Hum — fez ele.

— O que foi? O que aconteceu?

Talvez não estivesse grávida. Podia acontecer, não podia? Talvez o teste tivesse errado, ou talvez o bebê tivesse sentido que não era desejado. Talvez ele próprio tivesse desistido. Nadia não se conteve: virou-se para o monitor. A tela estava preenchida por uma fatia curva de luz branca granulada; no centro, uma forma oval preta, com única mancha branca.

— Seu útero é uma esfera perfeita — disse o técnico.

— O que isso significa?

— Não sei. Que você é uma super-heroína, talvez.

Ele riu, mexendo o sensor no gel. Ela não sabia o que esperava ver na tela do ultrassom: a curva de uma testa, talvez, ou o contorno de uma barriga. Não aquilo, aquele negócio branco em forma de feijão, tão pequeno que poderia ser coberto com o polegar. Como era possível que aquela luz minúscula fosse uma vida? Como algo tão pequeno podia acabar com a vida *dela*?

Quando Nadia voltou à sala de espera, a garota de jaqueta jeans chorava. Ninguém olhava para ela, nem mesmo a mulher corpulenta, que tinha pulado uma cadeira ao lado. Nadia tinha se enganado: aquela mulher não podia ser a mãe da menina. Uma mãe consolaria a menina aos prantos, em vez de se afastar. A mãe de Nadia teria abraçado a filha e absorvido suas lágrimas com o próprio corpo. A mãe dela a teria acalentado e só a largaria quando a enfermeira chamasse seu nome outra vez. Aquela mulher se inclinou e beliscou a coxa da menina que chorava.

— Já chega — disse ela. — Não queria ser adulta? Agora você é.

O PROCEDIMENTO LEVA só dez minutos, informou a enfermeira de dreads. Menos que um episódio de série.

Na sala de cirurgia gelada, Nadia encarava o monitor pendurado à sua frente, que mostrava imagens de praias ao redor do mundo. Acima dela, alto-falantes tocavam músicas para meditação (acordes de violão com ondas quebrando ao fundo), e ela sabia que deveria mentalizar a si mesma deitada em uma ilha tropical, sobre areia branca, mas quando a enfermeira pôs em seu rosto a máscara de gás anestésico e pediu que contasse até cem, ela só conseguia pensar na menina que abandonara o filho na praia. Talvez a praia fosse um lugar mais natural para se deixar um bebê que a pessoa não podia criar. Bastava colocá-lo na areia e torcer para que alguém o encontrasse — um casal de idosos que estivesse fazendo um passeio à noite, um policial patrulhando a área com sua lanterna iluminando engradados de cerveja. Se nada disso acontecesse, se ninguém o encontrasse, ele voltaria a seu primeiro lar, um oceano como o que havia dentro dela. A água invadiria a praia, o tomaria nos braços e o ninará até devolvê-lo ao sono.

QUANDO ACABOU, Luke não foi buscá-la.

Uma hora depois de ligar para ele, Nadia era a única garota ainda esperando na sala de recuperação, encolhida numa poltrona rosa fofa demais, apertando uma bolsa térmica na barriga dolorida. Passara uma hora encarando a escuridão que a rodeava, incapaz de distinguir os rostos das outras garotas, mas imaginando-os tão desprovidos de expressão quanto o seu. Talvez a de vestido amarelo tivesse chorado nos braços da poltrona. Talvez a ruiva ainda estivesse nas palavras cruzadas; de repente já havia feito aquilo antes, ou quem sabe já tinha filhos e não podia criar mais um. Será que era mais fácil para as que já eram mães? Como quem recusa educadamente uma segunda porção de comida quando está satisfeito?

As outras enfim foram embora, e, quando ela pegou o celular na bolsa para ligar para Luke pela terceira vez, a enfermeira de dreads entrou, arrastando uma cadeira de metal. Trazia um pratinho descartável com bolachas cream cracker e uma caixa de suco de maçã.

— Você vai sentir cólicas fortes por um tempo. Aqueça bem a barriga que passa. Tem uma bolsa de água quente em casa?

— Não.

— Use uma toalha. Também serve.

Nadia havia torcido para ser atendida por uma enfermeira diferente. Vira as outras mulheres andando pela sala para cuidar de suas garotas, oferecendo sorrisos, apertando mãos. Mas a enfermeira de dreads apenas estendeu o prato diante do rosto dela.

— Não estou com fome.

— Mas precisa comer. Senão, não posso liberar você.

Nadia suspirou, pegando um biscoito. Onde estava Luke? Não aguentava mais aquela enfermeira de pele enrugada e olhar firme. Queria estar na cama, enrolada no edredom, a cabeça no peito de Luke. Ele prepararia uma sopa e colocaria uns filmes para passar no laptop até ela adormecer. Ele a beijaria e elogiaria sua coragem. A enfermeira descruzou as pernas, voltou a cruzá-las.

— Conseguiu falar com seu amigo? — perguntou ela.

— Ainda não, mas ele já vem.

— Tem outra pessoa que possa chamar?

— Não preciso de outra pessoa, ele já vem.

— Ele não vai vir, bebê — disse a enfermeira. — Tem outra pessoa que você possa chamar?

Nadia olhou para a enfermeira, impressionada com aquela certeza de que Luke não ia aparecer e mais assustada ainda com a palavra *bebê*. Um *bebê* muito suave, que pareceu surpreender a própria enfermeira, como se tivesse saltado sem querer de sua boca. Da mesma maneira que, depois da cirurgia, Nadia, em um delírio, olhara para o rosto embaçado da enfermeira e chamara “Mãe?”, com tanta doçura que a mulher quase respondera “Sim”.

**TODOS OS BONS SEGREDOS TÊM UM
SABOR ANTES DE SEREM CONTADOS,
E, SE TIVÉSSEMOS PARADO UM
POUCO PARA MASTIGAR MELHOR
AQUELE, TALVEZ TIVÉSSEMOS
NOTADO O AMARGOR DE UM
SEGREDO AINDA VERDE, COLHIDO
CEDO DEMAIS, ARRANCADO E
DISTRIBUÍDO ANTES DA ÉPOCA.**

